



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/04/2020 a 30/04/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/04/2020	8,32	287,70	25,05	5,26	3,15
27/04/2020	8,29	285,30	24,99	5,21	3,05
28/04/2020	8,26	281,80	25,30	5,26	3,02
29/04/2020	8,31	283,20	25,78	5,19	3,04
30/04/2020	8,50	289,60	26,23	5,29	3,11
Média	8,34	285,52	25,47	5,24	3,07

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	101,50	ND
RS - Santa Rosa	101,00	ND
RS - Ijuí	101,00	ND
PR - Cascavel	97,00	ND
MT - Rondonópolis	93,50	ND
MS - Ponta Porã	86,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	91,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	91,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	140,00	ND
Paraguai (FOB)**	112,50	ND
Paraguai (CIF)**	163,50	ND
RS - Erechim	47,00	ND
SC - Chapecó	46,00	ND
PR - Cascavel	44,50	ND
PR - Maringá	42,00	ND
MT - Rondonópolis	42,00	ND
MS - Dourados	38,00	ND
SP - Mogiana	48,50	ND
SP - Campinas (CIF)	50,00	ND
GO - Goiânia	42,00	ND
MG - Uberlândia	42,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	1.000,00	ND
RS - Santa Rosa	1.000,00	ND
PR - Maringá	1.200,00	ND
PR - Cascavel	1.150,00	ND

Período: 29/04/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras
& Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por
tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul - 30/04/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,62	94,26	48,35

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul - 30/04/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	53,88
Feijão (saco 60 Kg)	177,11
Sorgo (saco 60 Kg)	36,60
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,77
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,30**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,51

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

(**) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, após recuarem em boa parte da semana, deram um salto positivo na quinta-feira (30), fechando em US\$ 8,50/bushel no primeiro mês cotado, contra US\$ 8,26/bushel no dia 28/04 e US\$ 8,39 na semana anterior.

A forte alta nos preços do petróleo neste dia 30/04, em um claro movimento de reposição especulativa, elevou os preços das commodities em geral, puxando junto a soja. Mas, por enquanto, essa recuperação não é uma tendência, sendo vista mais como um movimento de compra após baixas importantes nos últimos dias. A recuperação do petróleo depende da retomada do consumo real, fato indefinido pois muitos países já estão sem espaço para estocar o produto.

Ante disso, o mercado era baixista porque o dólar continuou bastante valorizado em relação ao Real, deixando a soja brasileira muito mais competitiva no mercado externo do que o produto estadunidense. Mesmo assim as exportações da soja estadunidense estiveram bem, com as inspeções de exportações atingindo a 555.748 toneladas na semana encerrada em 23/04, superando largamente o esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, o volume chega a 33,5 milhões de toneladas, contra 31,5 milhões na mesma época do ano anterior.

Já as exportações líquidas de soja estadunidense, para o ano 2019/20, somaram 344.900 toneladas na semana encerrada em 16/04. Este volume significa um recuo de 48% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 o volume ficou em apenas 500 toneladas. Com isso, o somatório dos dois anos ficou um pouco acima do volume mínimo esperado pelo mercado.

A grande preocupação do mercado, além da continuidade dos efeitos negativos provocados pela pandemia da Covid-19, está especificamente no fato de que a China continua a dar preferência à soja brasileira. Para completar o quadro, no início desta semana o governo dos EUA voltou a anunciar medidas visando dificultar exportações de alguns produtos para uma série de países, incluindo a China. Isso poderá complicar mais as relações comerciais entre os dois países, as quais continuam tensionadas em função do conflito comercial existente entre eles e que, no início deste ano, apenas parcialmente teria sido solucionado.

Por outro lado, o plantio da soja nos EUA avança bem, com o mercado trabalhando com a possibilidade da área com soja aumentar ainda mais, em detrimento do milho. Até o dia 26/04 o referido plantio havia atingido a 8% da área esperada, contra 4% na média histórica para esta data. Neste sentido, se aguarda com interesse o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/05. Será o primeiro relatório que apontará as primeiras projeções de volume para a nova safra 2020/21.

No final da semana, o Real voltou a se valorizar um pouco, deixando a soja estadunidense mais competitiva, fato que ajudou a recuperar os preços do bushel em Chicago.

De fato, após o Real atingir uma desvalorização próxima de R\$ 5,70/dólar na semana anterior, a moeda brasileira se valorizou, chegando a valores entre R\$ 5,40 e R\$ 5,45 por dólar na corrente semana. Mesmo assim, os preços internos da soja se mantiveram

em alta, particularmente no Rio Grande do Sul onde a quebra de 50% da safra começa a pesar sobre o mercado igualmente.

Desta forma, no mercado gaúcho, o balcão fechou a semana na média de R\$ 94,26/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 101,00 e R\$ 101,50/saco, ultrapassando, pela primeira vez na história, os cem reais em valor nominal. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 82,50/saco em São Gabriel (MS) e R\$ 102,00 em Campos Novos (SC), passando por R\$ 87,00 em Canarana (MT); R\$ 97,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 89,00 em Goiatuba (GO); R\$ 88,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 90,00/saco em Uruçuí (PI).

Os prêmios nos portos brasileiros pouco se alteraram, confirmando que os preços atuais no país estão dependendo especialmente do câmbio. Os mesmos giraram entre US\$ 0,38 e US\$ 0,60/bushel, baixando um pouco em relação a semana anterior.

A colheita brasileira de soja atingia a 94% da área semeada em 24/04, ficando exatamente dentro da média, sendo que no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, São Paulo e Minas Gerais a mesma estava encerrada, ao mesmo tempo em que chegava a 92% no Rio Grande do Sul; 65% na Bahia; 95% em Santa Catarina; 91% no Maranhão; 65% no Piauí; 91% em Tocantins; e 59% no somatório dos demais Estados produtores. As únicas regiões com atraso na colheita da oleaginosa, em relação a média histórica, são a Bahia e os demais Estados menores produtores. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho voltaram a recuar em boa parte da semana, quase rompendo o piso dos US\$ 3,00/bushel, algo que não era visto há mais de 14 anos em Chicago. No dia 28/04 o fechamento chegou a US\$ 3,02. Todavia, com o movimento altista do petróleo no dia 30/04, a quinta-feira fechou em US\$ 3,11/bushel, contra US\$ 3,19 uma semana antes.

A pandemia do coronavírus continua a frear o mercado, já que o consumo de rações diminui diante do fechamento de muitos frigoríficos nos EUA e outros países do mundo, além da menor demanda geral por carnes e leite.

Nos EUA, as vendas líquidas de milho para o ano 2019/20, na semana encerrada em 16/04, chegaram a 726.700 toneladas, com um recuo de 49% sobre a média das quatro semanas anteriores.

O mercado acompanha o aumento no ritmo da colheita na Argentina, a qual concorre com os EUA no mercado externo neste momento e derruba os preços nos portos. Ao mesmo tempo, o enfraquecimento da moeda brasileira dá mais competitividade ao milho do Brasil.

Quanto ao plantio nos EUA, até o dia 26/04 o mesmo atingia a 27% da área esperada, contra 20% na média histórica para esta data. O clima está favorável ao plantio, fato que permite esperar um avanço importante do mesmo nesta próxima semana.

Dito isso, a maior preocupação do mercado continua sendo os efeitos negativos do Covid-19, pois começa a haver rompimento dos elos das cadeias produtivas, especialmente das carnes, devido a contaminação de trabalhadores nas mesmas.

Além disso, a Europa taxou a importação do milho e sorgo procedentes dos EUA visando proteger a sua produção interna, diante de um consumo que diminuiu.

Vale ainda lembrar que o baixo consumo de etanol de milho nos EUA aumenta o potencial de estoques elevados naquele país na próxima safra. Neste sentido, o relatório do dia 12/05 poderá ser um divisor de águas no que tange ao rumo das cotações.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB fechou o mês de abril valendo US\$ 140,00 e US\$ 112,50 respectivamente.

E no Brasil os preços do cereal lentamente estão cedendo, confirmando a projeção de semanas atrás. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 44,62/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 46,00 e R\$ 47,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 37,00 em Sinop (MT) e R\$ 48,50/saco na Mogiana paulista, passando por R\$ 47,00 em Itanhandu (MG) e Concórdia (SC).

Na BM&F de São Paulo registra-se mudança no perfil de negócios, especialmente em relação ao contrato de maio, na medida em que o referencial Campinas retornou ao patamar de R\$ 51,00/saco CIF. A partir do contrato de julho é a exportação que ditará os rumos do mercado, sendo que o atual patamar cambial continua a favorecer os preços nos portos de embarque. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, temas como o final da colheita de verão no Centro-Sul brasileiro; a alta dos preços nos portos graças ao câmbio; e os níveis de preços no mercado interno acabam deixando pouco espaço para baixas muito acentuadas nos preços do milho, especialmente em São Paulo. Isso pelo menos até a entrada da safrinha, a partir do final de julho próximo. Depois, se a mesma confirmar o volume projetado, os preços internos tendem a recuar, salvo se houver forte avanço das exportações.

Neste contexto, o clima passa a ser o centro das atenções junto às regiões produtoras da safrinha. Por enquanto, há necessidade de um melhor nível de chuvas nestas regiões, podendo haver perdas na produção. Soma-se a isso o fluxo de importação que haverá a partir de julho.

Enfim, a colheita da safra de verão 2019/20 atingia a 81% da área no dia 24/04, contra 83% na média histórica nesta data. Minas Gerais e Goiás/DF continuam com atrasos consideráveis na mesma em relação a esta média. Nestas duas regiões, naquela data, faltavam ainda colher 54% da área semeada, enquanto pela média deveria faltar 41% e 22% respectivamente. (cf. Safras & Mercado)

Quanto a oferta e demanda de milho no Brasil em 2020/21, o país espera uma colheita total de 105,7 milhões de toneladas; um consumo interno de 76,2 milhões, sendo 6,7 milhões para a fabricação de etanol e 56,2 milhões para a fabricação de rações; 30,1 milhões de toneladas seriam exportadas; resultando em um estoque final de 10,4

milhões. Em se confirmando este estoque final, o mesmo será o quinto maior desde a safra de 1998. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago acabaram recuando na semana, fechando a quinta-feira (30/04) em US\$ 5,29/bushel para o primeiro mês cotado, contra US\$ 5,19 na véspera e US\$ 5,47/bushel uma semana antes.

Este recuo se deve ao fato de que as lavouras de trigo de inverno nos EUA estarem dentro da normalidade, apesar de leve piora na semana, com as mesmas, até o dia 26/04, apresentando 54% em condições entre boas a excelentes, 31% regulares e 15% entre ruins a muito ruins. Já o plantio do trigo de primavera atingia, na mesma data, 14% da área esperada, contra 29% semeado na média histórica nesta data.

Durante a semana a menor oferta mundial e a recuperação nos preços do petróleo deram alguma sustentação às cotações, porém, as exportações estadunidenses não avançaram muito, esfriando o entusiasmo. De fato, as vendas líquidas de trigo estadunidense, para o ano comercial 2019/20, ficaram em 244.700 toneladas na semana encerrada em 16/04, o que representou um recuo de 22% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 foram mais 155.200 toneladas exportadas. A soma dos dois anos acabou ficando dentro do esperado pelo mercado.

Já as inspeções de exportação nos EUA atingiram a 501.333 toneladas na semana encerrada em 23/04, acumulando, no ano comercial atual, um total de 22,5 milhões de toneladas, contra 21,4 milhões um ano antes nesta data.

Por sua vez, houve pressão baixista vinda da perspectiva de uma colheita maior na Europa e junto aos países do Mar Negro em função da melhoria do clima local. Somase a isso a redução parcial no consumo, devido a pandemia da Covid-19.

Na Argentina, o preço FOB oficial ficou em US\$ 241,00/tonelada. Com o câmbio atual, esta tonelada chega aos moinhos paulistas valendo R\$ 1.430,00 e em Curitiba a R\$ 1.335,00, mantendo a possibilidade de novas altas nos preços do produto brasileiro quando comparados à paridade de importação. Para novembro a tonelada de trigo na Argentina ficou em US\$ 213,00.

Aqui no Brasil os preços se mantiveram firmes, com o balcão gaúcho avançando para R\$ 48,35/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 60,00/saco. No Paraná, o balcão cotou o saco de 60 quilos entre R\$ 56,00 e R\$ 63,00, enquanto os lotes continuaram entre R\$ 69,00 e R\$ 72,00. Já em Santa Catarina, o balcão fechou a semana entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, ficaram em R\$ 63,00/saco.

Mesmo com o câmbio cedendo um pouco durante a semana, a dificuldade para aquisição de produto na Argentina e a pouca oferta interna no Brasil impediram um recuo nos preços. Com isso, os derivados do trigo já começam a ter seus preços elevados, atingindo entre 15% a 20% acima do registrado na mesma época do ano passado. (cf. Safras & Mercado)

Diante disso, voltam as pressões dos importadores sobre o governo para que as taxas de importação, de trigo procedente de fora do Mercosul, sejam zeradas. Por enquanto, o governo não atendeu tal demanda.

Em tal contexto, a tendência dos preços é de preços em alta até fins de agosto, início de setembro, quando entra a nova safra. E o clima passa a ser o elemento central nesta análise, assim como a área que será semeada neste ano, particularmente no Rio Grande do Sul, Estado que sofreu uma quebra importante em sua safra de verão.

Outra variável que não se pode esquecer é o câmbio. Em o Real se valorizando, após as disparadas dos últimos três meses, o produto importado ficará mais barato em moeda nacional, facilitando as compras externas e pressionando para baixo os preços internos. Caso contrário, os preços locais tendem a permanecer nestes níveis e, talvez, um pouco mais elevados até a colheita da safra nova. Aliás, o câmbio atual aumenta o custo de produção da lavoura, fato que pode inibir o aumento esperado na área semeada.

Este quadro estaria levando o Paraguai a, talvez, aumentar sua área semeada com trigo, visando abastecer parcialmente o Brasil, pois sua colheita é bem mais cedo do que a da Argentina, embora venha na mesma época da paranaense.

Pelo sim ou pelo não, daqui até o início de setembro os moinhos brasileiros terão que voltar às compras, devendo pressionar para cima os preços locais, especialmente se o câmbio ficar nos níveis destas duas últimas semanas.